

# ANALOGIA NA MORFOLOGIA: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL- COGNITIVA

Carlos Alexandre GONÇALVES<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3705>

**Resumo:** Neste artigo, procuramos fazer um apanhado histórico do conceito de analogia, com o intuito de mostrar de que maneira o fenômeno foi abordado em várias correntes linguísticas, sobretudo no que diz respeito à morfologia. Com ênfase na abordagem funcional/cognitiva da linguagem e por meio da discussão de exemplos de (de)formações lexicais do português brasileiro, pretendemos mostrar que a analogia constitui importante habilidade cognitiva e está por trás da criação de novas unidades morfológicas, não havendo, portanto, limite intransponível entre as criações de base analógica e as que se pautam em esquemas produtivos.

**Palavras-chave:** Analogia. Produtividade. Esquema. Criatividade. Construcionalização.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; [carlexandre@bol.com](mailto:carlexandre@bol.com); <https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

## *ANALOGY IN MORPHOLOGY: A FUNCTIONAL-COGNITIVE APPROACH*

**Abstract:** In this paper, we intent to give a historical overview of the concept of analogy, in order to show how the phenomenon has been approached in various linguistic currents, especially with regard to morphology. With an emphasis on the functional/cognitive approach to language and by discussing examples of lexical (de)formations in Brazilian Portuguese, we intend to show that analogy is an important cognitive skill and can be behind the creation of new morphological units, so there is no insurmountable limit between analogically-based creations and those based on productive schemes.

**Keywords:** Analogy. Productivity. Scheme. Creativity. Constructionalization.

### **Introdução<sup>2</sup>**

Além do acesso a esquemas bem consolidados na língua, uma nova palavra pode ser criada por espelhamento em outra. Tal é o caso das formações analógicas, “claramente modeladas por uma palavra complexa já existente, não dando origem a uma série produtiva” (Bauer, 1988, p. 96). Neste artigo, discutimos o papel da analogia na reinterpretação e na criação de palavras, seja para provocar efeitos de sentido através de etimologias falsas ou reais, seja para cunhar novos termos. Temos o propósito de mostrar que, muitas vezes, a analogia não pode ser totalmente desvinculada da produtividade, como querem alguns linguistas (cf., p. ex., Plag, 1999; Matiello, 2017), uma vez que pode constituir a fonte de novas unidades morfológicas através da construcionalização (Traugott; Trousdale, p. 2013, p. 22)<sup>3</sup>, que, aplicada à morfologia, corresponde à formação de um padrão produtivo de formação de palavras.

O artigo é dividido da seguinte maneira: em primeiro lugar, apresentamos as primeiras ideias sobre analogia e verificamos como esse mecanismo é interpretado nas ciências, de um modo geral. A seguir, procuramos definir analogia com base em Saussure (1916) e Basilio (1997) para, logo após, observar o tratamento na linguística funcional/cognitiva, especialmente a partir de Fauconnier e Turner (2002) e Traugott e Trousdale (2013). Logo após, damos exemplos das várias estratégias de que o falante se serve para

---

2 O título do artigo é idêntico ao publicado pela Professora Miriam Lemle, a que objetivamos prestar homenagem, na *Revista Brasileira de Linguística*, Petrópolis, v. 1, n. 1, p. 16-21, 1974.

3 A construcionalização constitui processo de mudança linguística cujo resultado vem a ser um novo pareamento forma-função na língua, de natureza mais procedural e de modo gradual, isto é, “através de uma sucessão de neoanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas ao longo do tempo” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22).

manipular uma palavra através da associação de sua forma, vendo nela uma expressão sintática, um composto ou um derivado. Finalizando o texto, mostramos que a analogia responde pela criação de novos elementos que passam a ser parte de uma série de palavras, os chamados *splinters* (Bauer, 2004). A análise é feita com base na chamada linguística funcional-cognitiva (Bybee, 2003; Diessel, 2015) e na morfologia construcional (Booij, 2010) e se apoia, entre outras, em noções como neoanálise, produtividade, esquematicidade e construcionalização.

### Analogia: primeiras ideias

O conceito de analogia remonta à antiguidade clássica. Oriunda do grego antigo, ‘analogia’ é uma palavra complexa, constituída dos formativos *ana-* (“semelhança”) e *logia* (“estudo”). Antes do advento da linguística como ciência, a analogia foi um dispositivo amplamente evocado para justificar casos de anomalia na evolução histórica das línguas. Quando uma forma apresentava feição diferente das demais, seja na fonologia, seja na morfologia, a analogia foi muitas vezes apresentada como justificativa. Por exemplo, Coutinho (1960, p. 114) assim se posiciona a respeito do fenômeno:

A analogia é o princípio pelo qual a linguagem tende a uniformizar-se, reduzindo as formas irregulares e menos frequentes a outras regulares e frequentes. [...] Nas transformações de uma língua, exerce a analogia um papel verdadeiramente importante. [...] desviando as palavras do império das leis fonéticas, ocasiona mudanças em sua estrutura, extremando formas que pela origem deviam achar-se juntas. [...]

Alguns dados fornecidos por renomados filólogos e/ou gramáticos históricos são os seguintes, muitos de difícil comprovação empírica:

- (1) O aparecimento do -s final em ‘antes’ pela oposição que estabelece com ‘depois’ (Coutinho, 1960);
  - A presença do -t- intrusivo em ‘cafeteira’, por conta de sua existência na base de ‘leiteira’ (Monteiro, 1987);
  - A presença de uma nasal em ‘motorneiro’ por associação a formas como ‘jardineiro’, ‘torneiro’, ‘marceneiro’, ‘caminhoneiro’ (Luft, 1979);
  - A existência de um [r] em ‘estrela’ (do latim *stelam*) por essa sibilante existir em ‘astro’ (Chaves de Melo, 1950);
  - A substituição do <s> pelo <r> em *honos* (“honra”), por associação com *orator* (Saussure, 1916).

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

Nessa mesma linha de raciocínio, gramáticos, em geral, apontam que a analogia explica vários dos chamados “vícios de linguagem”, pois constitui importante mecanismo de regularização linguística:

- (2) a. A pronúncia proparoxítona de ‘rubrica’, único substantivo com forma verbal correspondente que não é proparoxítono;
- b. A flexão de gênero de ‘menos’, interpretado como adjetivo (‘menas gente’);
- c. O de ‘encima’, com hipersegmentação, por associação a ‘acima’, e ‘embaixo’, ambos grafados como unidade;
- d. O de ‘em bora, com hipossegmentação, tanto pela existência da preposição ‘em’, quanto de ‘bora’ atualmente usado como chamamento (‘bora pra festa’).

Como se vê, a analogia, até o momento, é definida, em termos linguísticos, como importante mecanismo de regularização de formas. O conceito, no entanto, passa por importantes reformulações no século XX, como veremos a seguir.

## Analogia nas ciências

No grego clássico, o raciocínio analógico foi largamente utilizado por Platão e Aristóteles. Para eles, analogia significava “regularidade proporcional” e foi aplicada inicialmente à matemática, correspondendo a um quarto número, desconhecido,  $X^4$ , que estabelece relação com outros três, dados em proporção. Constitui, por exemplo, um raciocínio como o seguinte:

- (3) se  $a::b$  (lê-se: a está (::) para b) e  $c::x$  (lê-se: c está para x) e a primeira é dividida pela segunda, então a terceira é dividida pela quarta. Por exemplo, se  $a = 6$  e  $b = 3$ , então 4 está para 2, que preenche a posição de X, o algarismo antes desconhecido:  
 $a::b \quad a=6; b=3$   
 $c::x \quad c=4; x=2$

A analogia como quarta proporcional (ou regra de três, como também ficou conhecida mais tarde) foi amplamente usada pelos seguidores de Platão e Aristóteles, não apenas em matemática, mas também no desenvolvimento de outros ramos da ciência e da filosofia, incluindo a linguística. De acordo com Castro (2019, p. 825), a analogia, “utilizada como recurso pedagógico, consiste num procedimento metodológico, incluído no interior da dialética platônica, pela correlação que desenvolve com a mesma em termos da teoria do conhecimento e teoria do ser”. Vejamos sua aplicação à linguística.

---

4 Em matemática, X, até hoje, equivale a uma incógnita, grandeza a ser determinada na solução de uma equação, de um problema. Em Linguística, corresponde a uma variável sem conteúdo segmental.

Começemos com o mestre genebrino e, depois, com uma referência em morfologia no Brasil – Margarida Basilio.

## Analogia em Saussure e Basilio

Ao privilegiar os estudos sincrônicos, Saussure aborda a analogia sobre o prisma da quarta proporcional, relação matemática lógica, expressa em (3), na seção anterior, que pode estender-se à correspondência entre palavras. Por exemplo, para o precursor da linguística moderna, um termo A está para o termo B, da mesma forma que C está para X, a forma desconhecida e variável, criada a partir da simetria na relação entre A e B e sua consequente aplicação à vinculação entre C e X. Em termos concretos, teríamos o seguinte:

- (4) Se livros são guardados em um lugar (A), e esse lugar é uma biblioteca (B);  
Então, se são postos em um barraco (C), esse lugar é uma ‘barracoteca’ (X).

Para Saussure, a analogia pressupõe um modelo e, conseqüentemente, a imitação regular desse modelo. Por esse motivo, observa que fenômenos analógicos não necessariamente levam a mudanças, uma vez que “nada de novo podemos ter com a palavra remodelada” (Saussure, 1916, p. 123). Tal é a situação das analogias meramente fonológicas. Falantes muitas vezes acessam uma forma para se referir à outra, com feição sonora bastante parecida, mas bem distante em relação ao significado. Os exemplos a seguir comprovam esse tipo de rastreamento articulatório que o usuário da língua faz, com o objetivo de, a partir de uma palavra que conhece, transmitir o significado de outra, como se observa nos cartazes a seguir, em que o nome próprio ‘Flávio’ é usado em referência a ‘inflável’; ‘inflamável’ no lugar de ‘inflável’; e ‘glúteo’ em vez de ‘glúten’:

**Figura 1.** ‘Inflávio’, ‘inflamável’ e ‘glúteo’



**Fonte:** Google Images. Imagens disponíveis em <https://www.tiktok.com/@ramnogueira/video/7219695864967662853>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Para Saussure (1916), a analogia é de natureza psicológica, mas afirmar apenas isso não basta; é necessário destacar que é também um mecanismo de ordem gramatical,

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

pois “supõe a consciência e uma compreensão de uma relação que une as formas entre si, culminando com a proposição do cálculo da quarta proporcional” (Saussure, 1916, p. 192). Desse modo,

[...] se perdoar: imperdoável etc. = decorar: x, então x = indecorável. Uma palavra que eu improvise, tal como in-decor-ável, já existe em potência na língua; encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como decor-ar, decor-ação: perdo-ável, manej-ável: in-consciente, in-sensato etc.; e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la (Saussure, 1916, p. 193).

Como se vê, a analogia, para Saussure, é detonada a partir de paradigmas estabelecidos que obedecem a certa matematização da língua. Como observa Silva (2018, p. 922), para Saussure, “a analogia está distante da ideia de irregularidade ou de infração a uma ideia esperada nas línguas”; ao contrário, constitui, nas palavras do mestre, “o processo pelo qual estas passam de um estado de organização para outro” (Saussure, 1916, p. 189).

Revisitando Saussure, num texto já clássico no Brasil, que pode ser considerado um divisor de águas em sua produção científica, Basilio (1997) aborda o princípio de analogia (PA), comparando-o com as conhecidas Regras de Formação de Palavras (RFPs). A autora salienta que

(a) toda e qualquer construção descrita por RFP [Regras de Formação de Palavras] pode *ipso facto* ser descrita por PA [Processo Analógico], e (b) nem todas as construções por PA são adequadamente descritas por RFP, a menos que se altere significativamente nosso entendimento do que sejam RFPs (Basilio, 1997, p. 18).

Para Basílio, o PA é mais eficaz na explicação da formação de novos itens lexicais, bem como no reconhecimento de relações lexicais já existentes e improdutivas, pois assinala que, “para operarmos com o PA, não precisamos de elementos delimitados e categorizados nos moldes estabelecidos pela RFPs”; conclui, desse modo, que, como “mecanismo lógico, a quarta proporcional pode operar com quaisquer elementos que se conformem à estrutura básica” (Basílio, 1997, p. 11), como os seguintes casos por ela analisados:

- (5) Palavras cunhadas em textos literários, como o famoso ‘enxadachim’, de Guimarães Rosa;  
 Bases presas que podem ser identificadas por padrões derivacionais gerais, como os agentivos ‘carpinteiro’ e ‘marceneiro’, a partir dos locativos ‘carpintaria’ e ‘marcenaria’;  
 A proliferação das formações X-ódromo a partir da criação de ‘sambódromo’;  
 A morfologização de *gate* a partir do escândalo político envolvendo o ex-presidente Nixon no complexo *Watergate*.

Por outro lado, Basilio (1997, p. 18) destaca que a analogia “é um mecanismo lógico, e não especificamente linguístico”; por isso mesmo, “teríamos o princípio fundamental da expansão e conhecimento lexical como um mecanismo geral cognitivo e, portanto, não especificamente linguístico”. Dessa maneira, como ressalta Furtado (2011, p. 65), na análise de Basilio (*op. cit.*), “o que prevalece é o fato de que a analogia é um princípio geral em oposição às inúmeras regras de formação de palavras, as quais dificultam a análise de processos semelhantes, mas não idênticos em todas as línguas”.

Na próxima seção, a partir dos modelos baseados no uso (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013), procuramos mostrar que a analogia é uma habilidade cognitiva que certamente tem reflexos na língua, em vários tipos de instanciações. Nesse sentido, é impossível separar o saber linguístico de outros tipos de conhecimentos.

### **Analogia na Linguística Funcional/Cognitiva**

Na linguagem comum, a analogia pode ser considerada como um “ponto de identidade entre coisas diferentes; semelhança, similitude, parecença” (Ferreira, 1985, p. 121). Desse modo, envolve uma associação/comparação entre entidades diferentes – seres, objetos, conceitos, ações e/ou experiências –, focando na semelhança entre eles.

A linguística cognitiva, de certo modo, amplia o uso comum que se faz da analogia, pois, ao buscar os mecanismos cognitivos e os princípios que licenciam a formação e o uso de unidades linguísticas, parte do pressuposto de que a linguagem é parte integrante da cognição humana.

A analogia é um dos princípios fundamentais da linguística cognitiva (Langacker, 1987) e ganhou enorme destaque na obra de Fauconnier e Tunner (2002). Para esses autores, o princípio tem vez no momento em que o falante necessita explicar determinado elemento a partir de outro, já conhecido. Desse modo, é um princípio de primeira ordem, que facilita a aquisição e o reconhecimento de um novo domínio, uma vez que “permite fazer um paralelismo entre elementos de significados distintos com o objetivo de verificar e fazer surgir um novo elemento no mundo, categorizado de forma mais adequada” (Furtado, 2011, p. 54).

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

A Linguística Cognitiva (LC) tem estudado mais objetivamente o pensamento analógico e vem constatando que, desde muito cedo, essa habilidade surge na criança e passa a operar em todos os níveis sociais e conceptuais do indivíduo. Bons exemplos de analogia na aquisição aparecem em (6), a seguir:

- (6) Eu ‘sabo’, em vez de ‘sei’, por conta da enorme diferença fonológica da base na P1 do presente;

Eu vou na fona, por interpretação do *o* de ‘fono’ como marca de masculino;

Eu tinha fazido, uma clara regularização do particípio irregular ‘feito’.

Fauconnier e Turner (2002, p. 18) destacam quão interessantes são (a) a sistematicidade e (b) a complexidade do processo analógico, que, formadas logo no início da vida, acabam se tornando invisíveis para a consciência e, por isso mesmo, podem passar despercebidas nas situações diárias devido às nossas habilidades de identificar e reconhecer semelhanças e diferenças. Exemplos rotineiros de analogia são as predicções feitas a partir da comparação com animais, numa clara projeção metafórica que culmina na criação de adjetivos:

- (7) gato/a (pessoa muito bonita)

porco/a (sujo)

burro/a (ignorante)

touro (forte)

formiga (amante de doce)

Sem dúvida alguma, os usos em (7) envolvem a metáfora, uma vez que são transferidas propriedades de um domínio (o animal) para outro (o humano). Desse modo, os indivíduos precisam estabelecer analogias para compreender metáforas, mas o conhecimento das novas relações acaba modificando o próprio sistema conceptual. Em outras palavras, metáforas pressupõem analogia, mas a analogia é uma habilidade de primeira ordem, tomada por Fauconnier e Turner (2002), como uma das relações vitais, ou seja, como uma das habilidades essenciais para o raciocínio humano, “aquele mais fundamental, governado por algo que chamamos metaforicamente de ‘a mão invisível’” (Fauconnier; Turner, 2002, p. 65). Desse modo, está assentada nas capacidades de percepção que envolvem, por sua natureza, “saliência perceptual, seletividade de aspectos e monitoramento do foco de atenção” (Fauconnier; Turner, 2002, p. 65)<sup>5</sup>.

---

5 Traduções próprias de “the most fundamental, governed by something we metaphorically call ‘the invisible hand’” e “perceptual salience, selectivity of aspects and monitoring of the focus of attention”.



Em linhas gerais, há dois tipos de analogia: as formais e as semânticas (cf. Bybee, 2003), mas as que mais nos interessam, neste texto, são as que articulam esses dois aspectos. Ainda que as (de)formações lexicais não necessariamente respondam pela criação de um esquema produtivo e envolvam a criatividade linguística, podem ser abordadas pela morfologia, uma vez que, de uma maneira ou de outra, manipulam a forma da palavra, o que certamente condiz com a definição dessa área de estudos da linguagem: “parte da gramática que descreve as unidades mínimas de significado, sua distribuição, variantes e classificação, conforme as estruturas onde ocorrem, a ordem que ocupam, os processos na formação de palavras e suas classes” (Cabral, 1982, p. 166).

Em linhas gerais, no âmbito da forma das palavras, a analogia opera como uma espécie de etimologia fantasiosa (pseudoetimologia ou paretimologia), pois consiste numa reinterpretação, por conta de semelhanças formais e/ou semânticas, de unidades linguísticas muitas vezes indecomponíveis. Recebe, na literatura especializada, rótulos como os seguintes:

- (8) folk etymology/popular etymology (Marković, 2017)
- analogical reformation (Coates, 1987)
- reanalysis (Plag, 1999)
- morphological reanalysis (Fertig, 2014)
- etymological reinterpretation (Cienkowski, 1969)

O conceito, em geral, aponta para regularizações naturalmente feitas pelo falante, como, por exemplo, em ‘desvaziar’, no lugar de ‘esvaziar’. Por conta do significado e da proximidade fonológica, muitos falantes inserem o /d/ e a forma é interpretada como constituída do prefixo *des-*, uma vez que ‘esvaziar’ de algum modo remete à ideia de reversibilidade, semântica prototípica desse prefixo.

Situação um pouco diferente consiste na interpretação de ‘luxúria’ remetendo a ‘luxo’, que realmente foi a raiz da palavra (a etimologia é verdadeira, portanto). Com o tempo, o significado da palavra se lexicalizou e passou a significar “extravagância sexual”, mas muitos falantes não reconhecem essa interpretação e associam ao étimo real, o que faz com alguns internautas, “guardiães da língua”, revoltados, façam perguntas como a seguinte, em *sites* como [origemdapalavras.com.br](http://origemdapalavras.com.br):

- (9) Estimados doutores,

Por amor à nossa língua, não mais admitirei algo do tipo: “Fulano é tão rico que é uma luxúria só!” Cheeeeega! Que história é essa de confundir luxo com luxúria? Vcs estão ou não estão comigo? Por isso eu suplico: Digam, de uma vez por todas: qual a origem desta palavra tão mal empregada? (<https://origemdapalavra.com.br/palavras/luxuria>). Acesso em: 20 maio 2023.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

No nosso caso especificamente, interessam-nos, mais de perto, três tipos de situação: (a) a decomposição de formas, levando à divisão de um todo em duas unidades independentes ('detergente' = "prender pessoas"); (b) a reanálise intencional de uma palavra como derivada ('missão' = "missa longa demais"); e (c) a substituição de parte de uma palavra não complexa, alterando, em função da forma, uma porção amórfica por outra que seja morfêmica ('macumba' = 'má' + 'cumba', daí 'boacumba'). O último caso é o mais interessante justamente por poder responder pela criação de esquemas produtivos. Obviamente, os dois primeiros estão na esfera da criatividade linguística e demonstram usos extremamente inteligentes, (a) revelando a capacidade inventiva do falante em reestruturar formas linguísticas e (b) destacando o quanto ele domina sua língua. A metáfora dos três I's da mente cabe muito bem aqui: esses usos são intencionais e geralmente provocam o riso, o humor, a ironia e o deboche.

O sistema conceptual humano possui grande potencial simbólico para construir significados. Conforme Fauconnier e Turner (2002, p. 27), isso é possível devido às operações realizadas pelos três I's da mente: "Identidade (percepção de equivalência e oposições entre coisas concretas ou abstratas); Integração (processo complexo que dispõe de propriedades dinâmicas e estruturais, de operação rápida com finalidade de categorização) e Imaginação (simulações, tais como: ficção, sonho, cenários hipotéticos, fantasias)"<sup>6</sup>. Em inglês, a forma fica mais interessante porque I's é pronunciado 'eyes', remetendo aos "olhos" da mente. Começemos com as decomposições.

## Decomposições lexicais (DLs)

Nas DLs, o falante, com base na forma, divide uma unidade muitas vezes atômica (monomorfêmica) em dois itens lexicais, podendo separar formalmente suas partes, ao interpretar intencionalmente uma palavra como uma estrutura sintática. Tal é o caso da já sem graça piada envolvendo o 'pavê', forma reestruturada como 'pa', redução da preposição 'para', e 'vê', realização de 'ver' sem o <r> de infinitivo. Na imagem a seguir, a tirinha explora bem o uso generalizado da expressão e mostra o estado de crise econômica por que estamos passando:

---

<sup>6</sup> Tradução nossa de "Identity (perception of equivalence and oppositions between concrete or abstract things); Integration (complex process that has dynamic and structural properties, of rapid operation for the purpose of categorization) and Imagination (simulations, such as: fiction, dreams, hypothetical scenarios, fantasies)".

Figura 2. “Pavê ou pacumê?”



Fonte: <http://www.willtirando.com.br/pave-ou-pacome/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Caso similar envolvendo a produção da preposição ‘para’ como [pa] é o do peixe ‘pacu’. No texto multimodal a seguir, o adjetivo posposto, associado à forma ‘pacú’ (sic!), reinterpretada ‘pa’ + ‘cu’, e as imagens à direita levam à interpretação pretendida pelo conceptualizador, pois são elas que irão guiar o leitor na leitura da piada:

Figura 3. “Pacu”



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/506232814343357406/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Um caso de decomposição bastante interessante e criado recentemente envolve a palavra ‘gado’. Sabemos que essa forma remete a rebanho, ou seja, a um conjunto de quadrúpedes, sobretudo bovinos. Com a polarização política no Brasil a partir de 2016, com o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff e, principalmente, com a eleição à presidência do ex-deputado federal Jair Bolsonaro, a palavra ‘gado’ passou a ser utilizada em referência aos apoiadores de Bolsonaro. Aqui, temos uma extensão metonímica<sup>7</sup>,

<sup>7</sup> Às vezes, a distinção entre metáfora e metonímia é realmente pouco clara. Aqui, é possível também entender como metáfora, porque haveria uma similaridade entre os bolsonaristas e os bovinos, similaridade essa no âmbito do comportamento. Soares da Silva (2006) usa o cruzamento vocabular metaftonímia para destacar a fluidez dos limites entre essas duas habilidades cognitivas.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

uma vez que rebanhos geralmente seguem o pastor de modo extremamente passivo e instintivo.

Apesar de a expressão ‘gado’ ter sido utilizada para se referir aos eleitores do então candidato Jair Bolsonaro em 2018, ano das eleições, o termo ganhou mais força após sua posse e tomada de atitudes polêmicas tanto dele quanto de membros do seu governo e também seus familiares. O chamado ‘gado’ bolsonarista aceita suas posições sem questionar, tolera seu destempero e, sobretudo, continua o seguindo, sempre o defendendo, até mesmo em situações indefensáveis, incluindo falas preconceituosas e supostos casos de corrupção. Na imagem a seguir, importantes nomes ligados ao ex-presidente são desqualificados com uma palavra não decomponível terminada em *gado*.

**Figura 4.** Personalidades terminadas em *gado*



**Fontes:** <https://twitter.com/debocheria/status/1652039805981564932/photo/1> e <https://twitter.com/debocheria/status/1659690459185434624>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Como mostram as legendas, cada um dos aliados do ex-presidente Bolsonaro é identificado com um adjetivo ou substantivo terminado em *gado*. Essa associação, além de formal, é ideológica, pois as figuras aqui retratadas são fortes apoiadores de ex-chefe do executivo. As legendas ora revelam a ocupação da personalidade envolvida na foto (advogado, delegado), ora um fato relevante acontecido com eles (interrogado, julgado, desempregado), ora uma ironia por conta do comportamento agressivo (zangado) e, por fim, uma avaliação recente do próprio Bolsonaro (drogado)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> A imagem do ex-presidente com a palavra droGADO se deve ao depoimento pelos atos de oito de janeiro, quando disse à Polícia Federal que postou um vídeo sobre os acontecimentos “sem querer”, porque estava tomando remédios.

Essas “deformações” lexicais são frequentemente usadas para criticar o comportamento de alguma figura polêmica com certo destaque na mídia. Tal é o caso do Pastor Silas Malafaia, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (o zanGADO da Figura 4). Seu apoio a Bolsonaro é incondicional e esse religioso, como assinala a própria Wikipedia ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Silas\\_Malafaia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Silas_Malafaia)), “é bastante conhecido por sua atuação política e pelo discurso de ódio sobre temas como homossexualidade e aborto, bem como por defender a chamada teologia da prosperidade”. Em relação a esse último tópico, seu sobrenome apresenta a forma *mala-* em seu início, o que levou o falante a associar, por metonímia, mala com dinheiro. O resultado são as referências a seguir, todas com a decomposição do sobrenome em mala + adjetivo. Em alguns casos, o <s> inicial do prenome é substituído por \$ para reforçar a suposta riqueza do pastor<sup>9</sup>:

- (10) Silas Mala grana (<https://bovideo.net/tags/e-onda-gospel>)  
 Silas Mala farta (<https://bovideo.net/tags/e-Par-Farta>)  
 Silas Mala cheia ([https://desciclopedia.org/wiki/Pastor\\_Silas](https://desciclopedia.org/wiki/Pastor_Silas))  
 Silas Mala gorda (<https://it-it.facebook.com/npcinfor/videos/>)

Em texto sobre a (de)formação lexical de nomes de líderes de igrejas neopentecostais, Gonçalves (2019) destaca que a palavra ‘mala’ é polissêmica e, em função de designar algo difícil de carregar, por metonímia, acabou sendo usada em referência a pessoas chatas, inconvenientes, sem graça – os chamados “malas sem alça”. Algumas reconstruções do sobrenome do referido pastor com esse significado de ‘mala’ são listadas na sequência.

- (11) Silas Mala falsa ([https://twitter.com/DCM\\_online/status/](https://twitter.com/DCM_online/status/))  
 Silas Mala chata (<https://noticias.gospelmais.com.br/silas-malafaia>)  
 Silas Mala Vaia (<https://www.facebook.com...Silas-Malavaia>)  
 Silas Malafanha (<http://wp.clicrbs.com.br/espiadinha/2010/03/17>)

Por fim, como observa Gonçalves (2019), algumas criações exploram a sequência não silábica do início do sobrenome desse líder neopentecostal. A silabificação da lateral em coda possibilita dividir a palavra, interpretando ‘mal’ como adjetivo:

- (12) Mal-amado ([cardosinho.blog.br/cidade/frase-20/](http://cardosinho.blog.br/cidade/frase-20/))  
 Mal-afana (<https://www.recantodasletras.com.br/humor/4379028>)  
 Mal-afeto (<https://www.pensador.com> › Pensador › Autores › Helio Cruz)

---

<sup>9</sup> Todos os dados apresentados em (10), (11) e (12) foram acessados na mesma data: 20 dez. 2023.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

Pelos exemplos, nota-se que a analogia opera com uma divisão do todo em partes, levando ou não a uma expressão sintática. As divisões exemplificam o primeiro caso e as terminações com *gado*, o segundo. O caso de *gado* é similar a uma fala engraçada de uma colega de literatura. Em referência a seus atributos físicos, ela diz ser “pernóstica, petulante, mas não abundante”, numa clara alusão de que tem pernas bem torneadas e seios fartos, não acontecendo o mesmo com suas nádegas. Podemos, dessa maneira, entender que a analogia é uma transferência de inferências que se dá na construção das cenas ativadas pela língua e, por isso mesmo, é uma habilidade cognitiva que precede o processamento de uma mescla conceptual<sup>10</sup> e permite a correlação de elementos individuais.

A decomposição também opera com expressões estrangeiras muito usadas no Brasil. Desse modo, a ação da analogia pode estender-se para além de palavras/expressões nativas e pode ter na rotulação sua principal motivação, pois estão a serviço da nomeação de lugares e sensações. Nos exemplos a seguir, as criações também veiculam o ponto de vista do conceptualizador sobre o *designatum* e, por serem humorísticas, certamente provocam o riso. No entanto, não deixam de rotular um novo referente ou designar uma impressão ruim. A primeira se espelha em *food truck* (‘espaço móvel, geralmente um caminhão, que transporta e vende comidas’) e usa uma kombi velha para funcionar como motel, nomeando essa nova entidade. A segunda é moldada na expressão francesa *deja-vu* (‘sensação de viver coisas conhecidas’) e utiliza a redução de um palavrão em referência a situações muito desagradáveis sentidas como já vivenciadas:

Figura 5. *Fode-truck* e *deja-fu*



Fontes: <https://www.tiktok.com/discover/Fode-truck> e <https://patchworkdasideias.blogspot.com/2015/01/deja-fu.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

---

10 O processo de Mesclagem Conceptual é construído a partir da integração de espaços mentais cujos conteúdos relacionam uma rede de conceitos advindos de esquemas conceptuais como os *Frames* e os Modelos Cognitivos Idealizados (Fauconnier, 1996; Fauconnier, 1997).

Para finalizar este tópico, listamos, a seguir, uma pequena relação de decomposições que consta do dicionário Português-Português (<https://www.mail-archive.com/piadas.news@grupos.com.br/msg00468.html>. Acesso em: 1 jun. 2023), o que demonstra ser essa brincadeira com a forma da palavra mais comum do que se imagina:

- (13) Cleptomaníaco – maníaco por Eric Clapton.  
 Determine – prender a namorada de Mickey Mouse.  
 Coordenada – que não tem cor.  
 Edifício – antônimo de “é fácil”.  
 Contribuir – ir para algum lugar com vários índios.  
 Desviado – uma dezena de homossexuais.  
 Eficiência – estudo das propriedades da letra F.  
 Fluxograma – direção em que cresce o capim.  
 Presidiário – aquele que é preso diariamente

### Reanálise afixal

No caso em questão, o falante interpreta partes das palavras-modelo como morfêmicas e atribui a elas um significado completamente diferente do que normalmente veicula. São casos bem diferentes dos de ‘luxúria’, por dois motivos, fundamentalmente: (a) a base não necessariamente veicula o significado pretendido pelo conceptualizador; e (b) as reanálises são completamente intencionais.

Começemos nossa descrição com ‘diabetes’. Essa palavra, que faz referência a uma doença metabólica caracterizada por níveis cronicamente elevados de glicose no sangue, é oriunda do grego e apresentou, em algum momento da história dessa língua, o formativo *dia-*, o mesmo que aparece em ‘diagonal’ e ‘diálogo’, por exemplo. Fato é que primeiramente fazia referência a “passar através de um sifão”. Obviamente, a interpretação é hoje holística. Por outro lado, a palavra ‘diabetes’ apresenta uma sequência inteira que remete a ‘diabo’, além de apresentar um *ete* que significa assistente de palco ou dançarina de algum programa televisivo (Cândido, 2013):

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

Figura 6. Diabetes



Fonte: <https://br.ifunny.co/picture/rOPkeNdN6>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Similar à situação de ‘diabetes’, mas envolvendo um suposto prefixo, é a de ‘estouro’ em sua acepção mais coloquial: “forma de expressar satisfação e felicidade, de dizer que algo foi muito bom”, como em “sua festa foi um estouro” (Ferreira, 1985, p. 832). Diversas instituições comerciais que vendem hambúrgueres, com o objetivo de valorizar a qualidade de seus sanduíches com o atributo ‘estouro’, fazem alusão ao ingrediente básico dessa iguaria, a carne bovina, evocada a partir da semelhança com ‘touro’, como se vê nas propagandas a seguir:

Figura 7. Ex-touro



Fonte: <https://urlis.net/pzaia4g9>. Acesso em: 20 dez. 2023.



Uma última reinterpretação que ilustra bem o fenômeno ora analisado é seguinte, na qual a base ‘mestre’ deixa de ser analisada como relativa a mês (do lat. *mens-*). De fato, ‘bimestre’ e ‘trimestre’ são etimologicamente constituídas dos prefixos *bi-* e *tri-*, que indicam, respectivamente, “dois” e “três”. No entanto, essa palavra provém do latim ‘*bimestris*’, formada de *bi(s)-* (“dois”), *mensis* (“mês”), mais o sufixo *estris*, que indica “próprio de” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bimestre>. Acesso em: 6 mar. 2024), como em ‘equestre’ e ‘terrestre’. Obviamente com finalidades expressivas, faz referência àquele que possui dois/três títulos de mestrado ou, como na imagem a seguir, a dois/três mestres:

**Figura 8.** Bimestre e trimestre.



**Fonte:** <https://urlis.net/wqfgjvk>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Para encerrar a seção, listamos, a seguir, uma pequena relação de casos de reinterpretação afixal encontrada no já referido dicionário Português-Português (<https://www.mail-archive.com/piadas.news@grupos.com.br/msg00468.html>. Acesso em: 1 jun. 2023):

- (14) Tripulante – especialista em salto triplo.  
 Biscoito – fazer sexo duas vezes.  
 Caçador – indivíduo que procura sentir dor.  
 Ratificar – tornar-se um rato.  
 Suburbano – habitante dos túneis do metrô.  
 Testículo – texto muito pequeno.  
 Ministério – aparelho de som de dimensões muito reduzidas.

Em resumo, reanálises afixais e decomposições sublexicais são construções expressivas, utilizadas com ironia e doses de humor. Revelam a criatividade do falante e sua habilidade de manipular palavras e expressões, nas quais reconhece, pela forma, estrutura morfológica muitas vezes inexistente. No entanto, podem também levar a

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

nomeações, como o já citado ‘fode truck’ e o aplicativo de entregas ‘Aiqfome’, claramente modelado a partir da forma inglesa ‘IFood’:

Figura 9. Aiqfome



Fonte: <https://www.portalguiaitabirito.com.br/aiqfomeitabirito>. Acesso em: 21 dez. 2023.

### Substituição sublexical (SSL)

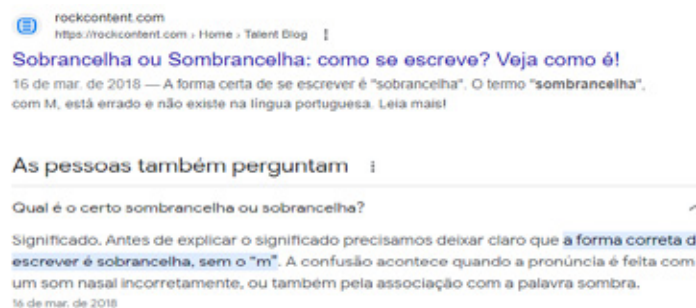
Há, na literatura sobre o português, alguma polêmica envolvendo as substituições sublexicais (SSLs). Alguns autores, como Almeida (2005), Andrade (2009) e Andrade e Rondinini (2015), consideram as SSLs como um dos três tipos de cruzamento vocabular (CV): (a) *portmanteau* ('familiaria'); (b) *telescopes* ('sapatênis')<sup>11</sup>; e (c) SSL ('bebemorar'). Basilio (2003, 2005) explora apenas o primeiro caso, que chama de FUVes (Fusão Vocabular Expressiva), não abordando os dois outros. Furtado (2011) e Gonçalves (2018), por sua vez, consideram as SSLs como um tipo de reanálise, interpretando-as como criações analógicas (e não como cruzamentos). Neste texto, defendemos a segunda interpretação, não considerando a SSLs como um subtipo de CV.

---

<sup>11</sup> Mantemos, aqui, a classificação feita por Piñeros (2000) para o espanhol e adotada primeiramente no Brasil por Araújo (2001). Nos *portmanteaux*, cruzamentos se caracterizam pela sobreposição das formas de base, havendo compartilhamento de massa fônica (ambimorfemia), como em 'crentino', em que as matrizes lexicais apresentam vários segmentos em comum. Nos *telescopes*, ao contrário, não há acesso à ambimorfemia. Esse tipo de cruzamento prioriza os pés métricos, quase sempre aproveitando as iniciais de uma base e a tônica de outra, como em 'selemengo' e 'brasiguaio'.

Em linhas bem gerais, nos casos de CV, duas palavras-matrizes se interpõem ('micheque') ou pelo menos uma se encurta para formar uma terceira ('futivôlei'; 'portunhol'). No nosso entendimento, a SSL não envolve a manipulação de duas formas de base, mas a reinterpretação intencional de apenas uma. Assim sendo, uma base é reinterpretada, sendo uma de suas partes, por semelhança formal, alçada à condição de formativo (palavra ou afixo). Por exemplo, em 'monocelha', para nós um caso de SSL, a sequência 'sobran' – que não apresenta qualquer estatuto morfológico em 'sobancelha' – é extremamente parecida com o substantivo 'sombra', tanto é que muitos falantes chegam a perguntar ao Google qual a forma correta, se 'sobancelha' ou 'sombrancelha':

**Figura 10.** Como se escreve



**Fonte:** <https://rockcontent.com/br/talent-blog/sobrancelha-ou-sombrancelha>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Adotando a nomenclatura de Laubstein (1999), uma forma invasora, por conta da relação com 'sombra' – e também pela função que esses pelos desempenham de proteger os olhos –, a sequência *sobran-* é projetada à condição de palavra, sendo substituída sublexicalmente, como se vê na representação a seguir, feita com base no instrumental de análise da Morfologia Prosódica (McCarthy; Prince, 1998)<sup>12</sup>:

$$(15) \quad (so . bran . ce . lha)_{MWd}$$

$$\quad \left( \left( \quad \right)_{MWd} \right)_{MWd}$$

$$\quad |$$

$$\quad \left( \left( mono \right)_{MWd} celha \right)_{MWd^*}$$

Pela representação, observa-se que a sequência fônica reinterpretada é lexicalmente substituída pelo radical neoclássico *mono-*, que significa “um; uma só unidade”, como em

<sup>12</sup> Na representação em (15), amplamente utilizada em trabalhos que seguem a orientação da Morfologia Prosódica (McCarthy; Prince, 1998), os pontos demarcam sílabas e MWd abrevia “Morphological Word” (palavra morfológica). MWd\* é a convenção utilizada em referência à palavra morfológica complexa – aquela constituída de mais de uma unidade morfológica.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

‘monocelular’, ‘monovalente’ e ‘monossílabo’. O radical invasor ressignifica o referente, pois nomeia aquele que tem as sobrancelhas emendadas, ao contrário de quem as têm divididas ao meio. Exemplos conhecidos de ‘monocelhas’ são o jogador de basquete americano Anthony Davis, a ilustre mexicana Frida Kahlo, ícone feminino nas artes, o personagem Tim, do filme “Chovendo hambúrguer”, e o boneco Beto, do antigo programa infantil “Vila Sésamo”:

**Figura 11.** Monocelha



**Fonte:** <https://www.pluricosmetica.com/pluriblog/wp-content/uploads/2015/02/monocelha.jpg>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Muitas substituições sublexicais exploram a sequência não morfêmica *ma-*, reinterpretando-a como o adjetivo feminino ‘má’. Exemplos bem conhecidos são listados a seguir:

- (16) boadrasta – madrasta boa como mãe  
 boadrinha – madrinha excepcional  
 boacumba – macumba para o bem  
 boaconha – maconha de excelente qualidade  
 boagia – magia para coisas boas  
 boadrugada – madrugada perfeita

Pelos dados, concordamos com Dobrovolsky (2001, p. 131), para quem “cruzamentos constituem produtos da junção de dois vocábulos em ‘planos alternativos’, ao contrário das substituições internas, cujas bases operam em ‘planos competitivos’”<sup>13</sup>. Nas SSLs, portanto, o ponto de partida é uma palavra, advindo a sobreposição e a interpretação de

<sup>13</sup> Tradução própria de “lexical blends are products of the joining of two words on ‘alternative planes’, unlike sublexical substitutions, whose bases operate on ‘competitive planes’”.

duas bases da reanálise intencional de um alvo. *Vários casos de SSLs têm tão alta frequência de token* que ganham, nos termos de Bybee (2003), força lexical e passam a ser de domínio público, como as seguintes:

- (17) bebemorar (< comemorar)  
 trêbado (< bêbado)  
 zilhão/zilionário (< milhão/milionário)  
 frátria/mátria (< pátria)

Da mesma forma que Dobrovolsky (2001), consideramos SSLs formações em que uma matriz lexical é estruturalmente reanalisada e, em decorrência, cria espaço para a entrada de um elemento morfológico “invasor” (Bat-El, 2006) – seja ele base (‘bebemorar’), afixo (‘trêbado’) ou mesmo um simples segmento fônico (‘zilhão’) – projetado pela semelhança com outro no interior da nova forma resultante.

A SSL também pode resgatar a etimologia de palavras com alguma opacidade morfossemântica. Tal é o caso de ‘aniversário’. De origem latina, essa palavra resulta da junção das formas *annus* (ano) e *vertere* (voltar), aludindo a algo que volta todos os anos. Sem dúvida alguma, é transparente apenas a primeira partícula, *ani-*, cuja relação com ‘ano’ parece bastante óbvia. Caso queiramos nos referir a algo que acontece todos os meses, o resultado é ‘mesversário’. Por exemplo, mês a mês, na mesma data, determinados pais comemoram o aniversário de vida do pequenino. O ‘mêsversário’ é realizado todos os meses até que o neném complete um ano, e então, a partir do primeiro ano, é comemorado anualmente seu aniversário:

**Figura 12.** Mesversário



Fonte: <https://www.extrafesta.com.br/painel-mesversario-chuva-de-amor-menina>. Acesso em: 20 dez. 2023.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

Vista dessa maneira, a SSL pode ser considerada importante recurso para a criação de novas unidades morfológicas, chamadas *splinters*, entendidos, desde Bauer (2004, p. 75), como “recortes recorrentes na criação de séries de palavras”<sup>14</sup>.

### A SSL e a criação de afixos e *splinters*

Uma vez que uma forma é ressegmentada e um elemento morfológico intrusivo substitui intencionalmente uma sequência não morfêmica, pode-se criar um *slot* para que outras, do mesmo domínio cognitivo, substituam a invasora, promovendo justamente a parte que remanesce. Tomemos como exemplo o hoje consagrado sufixo *ete*. Sem dúvida alguma, a palavra-fonte é ‘vedete’, nome atribuído à principal artista feminina de um espetáculo “derivado do cabaré e suas subcategorias de teatro de revista, *vaudeville*, *music hall* ou burlesco” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vedete>. Acesso em: 20 dez. 2023). Ainda de acordo com a Wikipédia, o objetivo da vedete é entreter e cativar o público, além de saber cantar, dançar e atuar no palco.

Ao que tudo indica<sup>15</sup>, foi o apresentador Edson Cury, mais conhecido como Bolinha, o primeiro a reinterpretar a palavra ‘vedete’, aproveitando a beleza, a pouca roupa e a exuberância das antigas atrizes do teatro de revista para nomear suas dançarinas. A neoanálise<sup>16</sup> de vedete pode ser representada da seguinte maneira:

$$(18) \quad (ve . de . te)_{MWd}$$

$$\quad (( \quad )\sqrt{\quad})_{MWd}$$

$$\quad (((bol)\sqrt{inha})_{MWd} *ete)_{MWd^*}$$

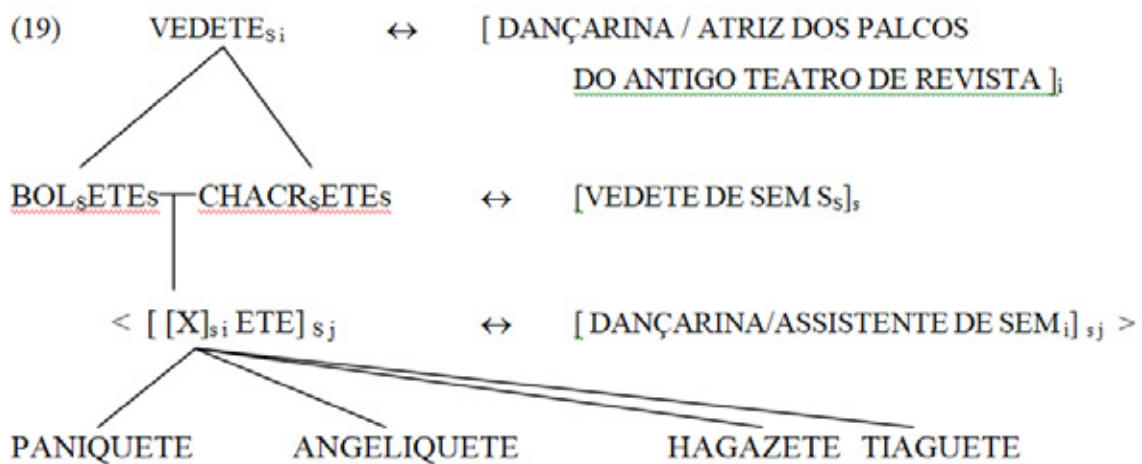
Na ótica construcional, uma operação como a representada em (18) constitui processo que atinge a língua, ao criar novas construções pela alteração de (sub) componentes de uma construção já existente (Traugott; Trousdale, 2013). Rosário e Oliveira (2016) apontam que o processo de construcionalização normalmente acontece por meio de neoanálise e analogias no campo pragmático, passando pelo campo semântico e, por último, pelo campo formal. Assim, cria-se um novo pareamento convencionalizado de forma e sentido, uma nova combinação: a construcionalização gramatical.

14 Tradução própria de “recurring clippings in the creation of word series”.

15 Embora não tenhamos certeza em relação a isso, muitos parentes mais velhos nos deram essa informação, pois o *Clube do Bolinha*, das tardes de sábado, é mais antigo que os programas do Chacrinha.

16 Da mesma forma que Oliveira e Sembrana (2020, p. 32), entendemos por neoanálise “os novos usos linguísticos que, por sucessivos passos de mudança, levam à construcionalização, constituindo-se em novos pareamentos”.

A neanálise de ‘vedete’ e a alta frequência de *token* de ‘chacrete’, dada a enorme audiência do programa comandado pelo apresentador Abelardo Barbosa nas tardes de sábado, levaram à construcionalização X-ete, pois a raiz de ‘Chacrinha’, apelido do velho guerreiro, criou um *slot*, possibilitando que outros itens preenchessem essa posição, ainda que a fonte original possa ser ‘bolete’. Quando uma neanálise se convencionaliza na população de falantes, cria-se uma nova microconstrução, como se vê na representação a seguir, na qual se cria um esquema  $[[X]_{s_i} ete]_{s_j}$ , que responde por novas formações, como os constructos ‘Hagazete’ (dançarina do antigo programa H) e ‘Tiaguete’ (assistente de palco do apresentador Tiago Leifert):



Na representação em (19), feita nos moldes da morfologia construcional (Booij, 2010), SEM é interpretado como o *frame* evocado pela palavra-fonte, no caso nomes próprios ou de programas de TV. Os símbolos maior que e menor que (respectivamente, <, >) demarcam o novo esquema e a seta de mão dupla (↔) relaciona forma e significado no interior de cada linha, que simboliza que são todas as construções, ou seja, pareamentos de forma-significado/função. Na segunda linha, opera a neanálise, responsável pelo desmembramento de *ete*, que passa de sequência fônica à forma presa (um sufixo) pela cunhagem feita por Bolinha/Chacrinha. Na terceira linha, temos um novo pareamento forma-significado/função e, conseqüentemente, um novo esquema, no qual S representa a etiqueta lexical da base e do produto (um Substantivo, nos dois casos). Os subscritos <sub>s<sub>i</sub></sub> e <sub>s<sub>j</sub></sub> indicam que ambas as formas fazem parte do léxico.

O caso de *ete* é bem reportado na literatura, embora não exatamente nos termos aqui tratados. Como observa Cândido (2013), *-ete* já tinha, na língua, algum estatuto morfológico, pois aparecia em algumas palavras complexas reanalisadas do francês, a exemplo de ‘garçonete’, sem qualquer respaldo na língua doadora com o significado que tem em português. Casos ainda pouco abordados, sobretudo numa perspectiva construcional, são os *splinters*.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

O *splinter* ganha estatuto de morfema a partir dos trabalhos de Bauer, autor que restringe esse termo a porções recorrentes de cruzamentos ou de encurtamentos lexicais. No verbete da 12ª edição da *Encyclopedia of Language and Linguistics*, o termo *splinter* é conceituado como “um fragmento de palavra usado repetidamente na formação de novas palavras”<sup>17</sup> (Bauer, 2007, p. 453). Em outro texto, Bauer (2005) demonstra que tais partículas criam palavras em série, tendo rentabilidade até maior que a de muitos afixos. De fato, muitos *splinters* têm altíssima prolificidade, como é o caso de *nejo*, que, na acepção de “ritmo musical”, responde por muito mais criações que o sufixo improdutivo a que a nasal se incorporou, *ejo* (Rosito de Oliveira, 2017). Observemos, no entanto o caso de ‘sacolé’, típico caso de *portmanteau*, uma vez que a sílaba <co> é compartilhada pelas duas matrizes lexicais, ‘picolé’ e ‘saco’, como se vê na representação a seguir, em que linhas pontilhadas sinalizam a ambimorfemia (porção sonora que, no CV, pertence às duas bases):



Do ponto de vista fonológico, as duas palavras-matrizes são emaranhadas, de modo que dois segmentos são compartilhados (linhas pontilhadas). Desse modo, uma palavra aparece integralmente “dentro” da outra, pois a menor forma de base (‘saco’) está totalmente contida no cruzamento (‘sacolé’). Essa cunhagem revela que as bases, embora não sejam do mesmo tamanho, compartilham porções fônicas idênticas ou equivalentes e se fundem, garantindo que a estrutura métrica e prosódica equivalha à da maior forma de base.

Numa perspectiva construcional, a presença de uma palavra na posição inicial do cruzamento possibilita a atuação da SSL, o que, por neoanálise, cria uma nova microconstrução com a sequência *lé*, agora um *splinter*, aparecendo numa série de novas formações:

- (21) sucolé – sacolé feitos de sucos de frutas.  
 caipilé – caipirinha, feita de bebidas alcoólicas como com um picolé.  
 cachaçolé – nome da marca, bebida alcoólica – cachaça – com picolé  
 tequilé – picolé feito de tequila congelada no formato de picolé e limão.

<sup>17</sup> Tradução própria de “a word fragment used repeatedly in word-formation”.



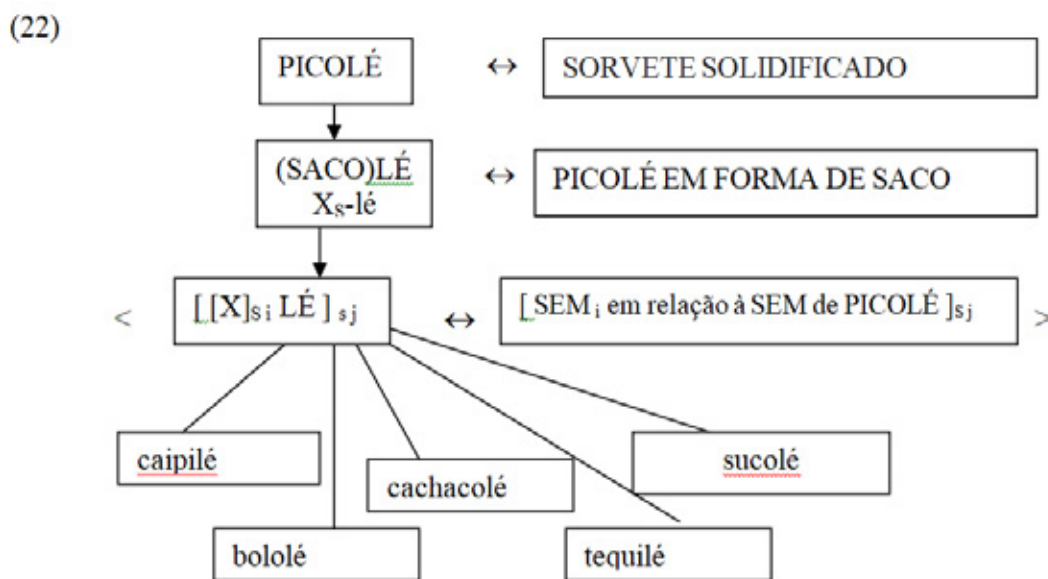
chandelé – sacolé com espumante.

chopplé – um chopp tão gelado quanto um picolé.

bololé – sobremesa feita de bolo congelado feito picolé.

ticolé – funk a respeito do sacolé – outro nome para sacolé.

Em termos de representação, temos o seguinte: o cruzamento de ‘saco’ com ‘picolé’ cria a construção ‘sacolé’. Por conta da existência de uma unidade morfológica na primeira posição (palavra), a SSL é possibilitada, o que resulta numa neoanálise, culminando com a criação da construção  $X_s$ -lé:



Considerando a abordagem de Traugott e Trousdale (2013), a forma original constitui um constructo, uma vez que corresponde ao uso efetivo na língua sem nenhum grau de abstração. Na segunda linha, aparece uma construção inovadora que, pelo processo de *blending* (fusão vocabular), deixa uma unidade lexical no início da nova palavra, o que leva à possibilidade de se criar *slot* vazio a ser posteriormente preenchido por outro elemento congênera. A neoanálise leva à criação de uma construção (subesquema construcional, no qual se observa um conjunto de similaridades observáveis entre construções diversas). Por fim, as cinco formações apresentadas são constructos oriundos do esquema  $\langle [X]_{s_i} LÉ ]_{s_j} \leftrightarrow [SEM_i \text{ em relação à SEM de PICOLÉ } ]_{s_j} \rangle$ .

Nas imagens a seguir, ilustram-se outras formações bem recentes com o esquema  $[[X]_{s_i} lé]_{s_j}$  em português. Observe-se, com mais vagar, a última delas, pois rotula uma

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

prática nova na pediatria brasileira: o congelamento de leite materno para posterior uso por bebês lactantes:

**Figura 13.** Morangolé, mojitolé, chocolé e peitolé



**Fonte:** Melo (2019, p. 125-130).

Como se vê, não procede que “formações analógicas devem ser distinguidas de instanciações de regras produtivas”<sup>18</sup>, como propõe Plag (1999, p. 20), pois uma formação analógica, oriunda ou não de cruzamentos/encurtamentos, pode dar origem a uma nova unidade morfológica e, em decorrência, a um esquema produtivo<sup>19</sup>. Nesse aspecto, portanto, concordamos com Szymanek (2005, p. 431), pois “não parece possível ou apropriado dissociar completamente ambos os conceitos, ou seja, analogia e (alta) produtividade”<sup>20</sup>.

### ***O détournement***

Há, no atual estágio da língua, um caso de analogia pouco abordado que ocorre, sobretudo, com antropônimos e nomes de entidades governamentais. Não os consideramos casos de cruzamentos porque uma das formas (ou ambas) constitui palavra na língua e essa é uma das condições que os autores defendem para que haja um *blend* lexical (cf. Andrade, 2009; Benfica da Silva, 2019). Além disso, a intenção do

18 Tradução própria de “analogical formations must be distinguished from instantiations of productive rules”.

19 Os dados evidenciam que um esquema produtivo nada mais é do que uma formação analógica cuja base é, na verdade, não uma única palavra, mas um conjunto maior.

20 Tradução própria de “it doesn’t seem possible or appropriate to completely dissociate both concepts, i.e. analogy and (high) productivity”.

conceptualizador é claramente a de desqualificar a entidade referida (*designatum*) através da troca de uma ou mais palavras por outras já existentes na língua. Entram nesse grupo nomes de líderes evangélicos (23), políticos (24) e órgãos públicos (25):

- (23) Pilas Maracutaia (Silas Malafaia)  
 RR\$omares (RRSoares)  
 Marcelo Costela (Marcelo Crivela)  
 Marcos Feliz sem ânus (Marcos Feliciano)  
 Adir Mais cedo (Edir Macedo)
- (24) Júlia Mamata (Júlia Zanata)  
 Sérgio Morro, Mouro, Bolo (Sérgio Moro)  
 Escandinavo Guyer (Gustavo Guyer)  
 Mário Farias, Rias, Fias (Mário Frias)  
 Marcelo Frouxo (Marcelo Freixo)
- (25) Sinistro da Educação (Ministro da Educação)  
 Cemitério da Saúde (Ministério da Saúde)  
 Extremo Tribunal Federal (Supremo Tribunal Federal)

Defendemos, neste texto, que os casos acima podem ser descritos como um tipo de *détournement*, conceito criado por Grésillon e Maingueneau (1984), que mostram a possibilidade artística de tomar algum objeto criado pelo sistema político-ideológico, ao distorcer seu significado original propositalmente, com o intuito de produzir efeito crítico.

O termo francês *détournement* poderia ser traduzido por algo como “distorção”, “malversação” ou “deturpação”. No entanto, Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 45) observam que a noção de *détournement* – cunhagem que, na falta de uma tradução que lhes pareça satisfatória, preferem manter no original – seria capaz de subsumir grande parte dos casos de intertextualidade implícita. Segundo as autoras, o *détournement* consiste em produzir um enunciado que possui marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas não pertencem ao estoque dos provérbios reconhecidos. Para elas, *détournements* podem ser lúdicos ou militantes. Os que estão em jogo nos dados de (23) a (25) são do segundo tipo, pois estão “a serviço de uma manobra política ou ideológica”, que “visa a dar autoridade a um enunciado (captação) ou a destruir aquela do provérbio em nome de interesses das mais diversas ordens (subversão)” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2007, p. 45). Por exemplo, Pilas Maracutaia, ao mesmo tempo em que distorce o nome do líder

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

religioso Silas Malafaia, evoca essa figura polêmica no cenário brasileiro por meio de palavras próximas que remetem a dinheiro (Pilas) e a corrupção (Maracutaia).

## Palavras finais

Enfim, esperamos que este texto tenha cumprido seus objetivos principais: definir analogia em várias perspectivas teóricas, exemplificar os diferentes casos existentes no português brasileiro contemporâneo e mostrar que essa habilidade cognitiva pode responder pela criação de novas unidades morfológicas e, conseqüentemente, pela criação de esquemas construcionais.

Também procuramos mostrar, na esteira de Szymanek (2005) e Fandrych (2008), que não há limite intransponível entre analogia e produtividade, mas reconhecemos, com Basilio (1997, p. 11), que essa operação está na base “das formações de reestruturação morfológica que tanto podem criar novos elementos morfológicos quanto produzir palavras de efeito retórico e poético”. Com farta exemplificação dos dois casos, enfatizamos a distinção entre processos de formação de palavras (como a SSL) e processos de deformação lexical (como as decomposições estruturais).

## Referências

ALMEIDA, M. L. L. de. Cruzamento vocabular no português: aspectos semântico-cognitivos. *In*: PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. de M.; FARIAS, E. M. P. (org.). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005. v. 1, p. 157-170.

ANDRADE, K. E. Entranhamento lexical, combinação truncada e analogia: estudo otimalista sobre padrões de Cruzamento Vocabular. *In*: GONÇALVES, C. A. *et al.* (org.). **Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português**. Rio de Janeiro: Publit Soluções editoriais, 2009. p. 123-145.

ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **DELTA**, v. 32, n. 4, 2016.

ARAÚJO, G. A. Morfologia não concatenativa: os *portmanteaus*. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 39, v. 2, 2001.

BASILIO, M. A fusão vocabular como processo de formação de palavras. **ANAIS do IV Congresso Internacional da ABRALIN**. Salvador: UFBA, 2005. p. 10-13.

BASILIO, M. Cruzamentos vocabulares: o fator morfológico. *In: X Congresso da ASSEL-RIO – ATAS*. Rio de Janeiro: Assel-Rio, 2003.

BASILIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 1, p. 9-21, 1997.

BAT-EL, O. Blend. *In: BROWN, K. (ed.). Encyclopedia of Language & Linguistics*. Second Edition. Oxford: Elsevier, 2006. v. 2, p. 66-70.

BAUER, L. **Introducing Linguistic Morphology**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.

BAUER, L. **A Glossary of Morphology**. Washington: Georgetown Univ. Press, 2004.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. *In: DRESSLER, W. (ed.). Morphology and its demarcations*. Amsterdam / *et al.* Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 79-93.

BAUER, L. Splinters. *Encyclopedia of Language and Linguistics*, v. 12, p.77-78, 2007.

BENFICA DA SILVA, V. **O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BOOIJ, G. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. *In: TOMASELLO, M. (ed). The new psychology of language*. NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 145-168.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CABRAL, L. S. Morfologia. *In: CABRAL, L. S. Introdução à Linguística*. Porto Alegre: Editora Globo, 1982. p. 112-143.

CÂNDIDO, B. F. F. **Formações X-ete no português do Brasil: uma análise construcional**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

CASTRO, M. F. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. **DELTA: Documentação e estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 3, p. 815-834, 2019.

CHAVES DE MELO, G. **Iniciação à filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1950.

CIENKOWSKI, W. The initial stimuli in the processes of etymological reinterpretation (so-called folk etymology). **Scando-Slavica**, v. 15, n. 1, p. 237-245, 1969.

COATES, R. Pragmatic sources of analogical reformation. **Journal of Linguistics**, v. 23, n. 2, p. 319-340, 1987.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

DIESSEL, H. Usage-based construction Grammar. *In*: DABROWSKA, E.; DIVJA, D. (ed.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2015. p. 296-322.

DOBROVOLSKY, M. Malay blends – CV or syllable template? **Calgary (Working) Papers in Linguistics**, v. 23, p. 12-29, Spring, 2001.

FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. **Lexis – E-Journal in English Lexicology**, v. 2, n. 20 (1), p. 132-147, 2008.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces: aspects of meaning construction innatural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FAUCONNIER, G. **Mappings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**. New Yorker: Basic Books, 2002.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERTIG, D. Morphological Reanalysis. **Potsdam Summer School in Historical Linguistics Course on Morphological Change**. Buffalo, 2014. Disponível em: <https://www.acsu.buffalo.edu/~fertig/Potsdam2014/MorphChangeCourse3-Reanalysis.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

FURTADO, L. R. **Análise semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2018.

GONÇALVES, C. A. A crença nas palavras: (des)construções lexicais em antropônimos de líderes religiosos. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 48, p. 899-918, 2019.

GONÇALVES, C. A. Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. **Gragoatá** (UFF), v. 25, n. 52, p. 648-687, 2020.

GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, D. Polyphonie, proverbe et détournement: ou unproverbepeutencacher un autre. **Langages**, Paris: Larousse, n. 73, p. 112-125, 1984.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LAUBSTEIN, A. Word blends as sublexical substitutions. **Linguistics**, v. 44, n.2, p. 127-148, 1999.

LUFT, C. **Dicionário gramatical da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Globo, 1979.

MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Prosodic Morphology. *In*: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (ed.). **The Handbook of Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 212-219.

MARKOVIĆ, I. Motivations of language change: Vitality of popular etymology and other variations in non-standard speech. **Jezikoslovlje**, v. 18, n. 1, p. 279-303, 2017.

MATTIELLO, E. **Extra-grammatical Morphology in English**: abbreviations, blends, reduplicatives and related phenomena. Berlin/Boston. De Gruyter Mouton, 2017.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 1987.

- | Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva

OLIVEIRA, M. R. de; SAMBRANA, V. R. M. Neonálise e analogização na formação de Marcadores discursivos do português. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 25-44, jan./abr. 2020.

PIÑEROS, C. E. **Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish**. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PLAG, I. **Morphological Productivity: structural constraints in English Derivation**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1999.

QUADRIO, A. **Análise construcional da segmentação na escrita**. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2, 2016.

ROSITO de OLIVEIRA, A. C. **As formações X-nejo no português do Brasil: uma análise construcional**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, K. A. A analogia e o sentimento do sujeito falante em Saussure. **DELTA**, v. 34, n.3, p. 919-940, 2018.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1916.

SOARES DA SILVA, A. **O mundo dos sentidos**. Coimbra: Almedina, 2006.

SZYMANEK, B. The latest trends in English word-formation. *In*: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R. (ed.). **The handbook of word-formation**. Netherlands: Springer, 2005. p. 429-448.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.



**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** GONÇALVES, Carlos Alexandre. Analogia namorfologia: uma abordagem funcional-cognitiva. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 137-169, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 12/01/2024 | Aceito em: 07/03/2024.

---